

## APRESENTAÇÃO

*Olho d'água*, v. 11, n. 2, 2019

[...] e vivo tranquilamente  
todas as horas do fim.

Torquato Neto – *Cogito*

Neste número da *Revista Olho d'água*, o leitor encontrará 06 artigos na seção *Varia* e 06 artigos na seção *Dossiê*, composta de um primeiro conjunto de artigos voltado para as relações entre literatura e gênero. Faço, aqui, a apresentação dos textos da primeira seção.

No artigo “O legado de *Memórias Póstumas* de Machado de Assis”, Maria Rosa Duarte de Oliveira analisa o clássico romance do Bruxo do Cosme Velho sob o prisma da memória – conceito construído no próprio corpo do livro, segundo a autora, e constituído de contínuos reenvios entre capítulos, expressões, personagens, citações e alusões. Esse movimento de contínuos reenvios constrói uma rede reverberativa de “lembranças” textuais semelhante a um hipertexto, afirmando, com isso, sua contemporaneidade.

Em “Reconfiguración de la sociedad a través de la violencia: propuesta de *La ciudad y los perros* (1963), de Mario Vargas Llosa”, Jesús Miguel Delgado Del Aguila aborda a articulação entre violência e criatividade na criação de novas modalidades de opressão que, na história narrada no romance, se abatem sobre os cadetes da instituição militar. Segundo o autor, é a introdução da violência nas vidas e relações sociais dos estudantes que resistem a se integrar às diretrizes da instituição que logrará êxito em ajustá-los aos interesses e fins da educação castrense.

Artur Ribeiro Cruz demonstra, em “A cartografia da canção de Siruiz”, que em *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, os signos da canção de Siruiz simultaneamente cartografam pontos-chave da trajetória de Riobaldo pelo sertão e espelham o desenho astronômico da constelação do Cão Maior, articulando história e mito. Se a versão original da canção se constitui como um prenúncio cifrado do destino do protagonista, as demais versões impõem a dúvida na narrativa e, desse modo, o narrador protagonista enuncia um dilema entre a confirmação do percurso do jagunço de ocasião e a ação voluntária que, afetando os rumos da vida, transformam o jovem errante em chefe e, por fim, em fazendeiro amparado por jagunços.

Já em “*Jabberwocky*, de Lewis Carroll: uma análise das variações linguísticas sob a luz da teoria da tradução”, Luciana dos Santos realiza uma análise de traduções do famoso poema que integra *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*, obra de Lewis Carroll, calcada na abordagem funcional dos estudos descritivos de tradução. Para isso, vale-se do modelo de Lambert e Van Gorp e estuda três traduções de *Jabberwocky* – a de Monteiro Lobato, a de Augusto de Campos e a de Alexandre Barbosa de Souza –, constatando, em micro-

análises, o uso de estratégias significativas como, p. ex., o uso de palavras–valise pelos tradutores, além de rimas e sonorizações estilisticamente próximas do texto–fonte.

No artigo “*Maria Luísa*, de Lúcia Miguel Pereira: o encontro da crise social e subjetiva pelo deslocamento no discurso religioso”, Elisa Domingues Coelho, analisa o romance da escritora e crítica literária Lúcia Miguel Pereira que, segundo a autora, destoa do modelo dominante de romance de 1930. Essa singularidade se deve ao fato de que *Maria Luísa* traz uma personagem feminina como eixo organizador da narrativa, privilegiando a ótica feminina da protagonista sobre as demais personagens e, nesse sentido, determinando o que o leitor pensará sobre elas. Esse olhar, espiralado de rememoração e ressignificação, está, no texto, em descompasso com o enredo simples no qual são representadas estruturas social e moral estratificadas. Essa tensão faz com que Maria Luísa, a protagonista, passe a viver o desencontro de não mais conseguir se vincular ao passado decadente nem se situar no futuro que a modernidade traz.

Por fim, em “Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves: história, dupla consciência e resistência”, André Gomes apresenta uma análise de *Um defeito de cor*, romance de Ana Maria Gonçalves, com base nos conceitos de *liminaridade transdiscursiva* e de *dupla consciência* desenvolvidas por Eliana Lourenço Reis e Paul Gilroy. Segundo o autor, no romance de Gonçalves a personagem protagonista é construída como uma personagem liminar, pois apropria-se de uma identidade brasileira para resistir a essa identidade, mantendo, veladamente, os traços de sua cultura original.

A seção *Dossiê* foi organizada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudia Nigro, da Unesp/São José do Rio Preto, e conta com artigos voltados para o estudo das relações entre *Literatura e Gênero* – campo de investigação que está na ordem do dia. Remetemos o leitor à *Apresentação* do Dossiê, feita pela organizadora, a quem agradecemos pela colaboração para com a revista.

Para finalizar, agradeço, em nome de toda a equipe da revista, a todos os que colaboraram para que mais este número da *Olho d’água* se tornasse possível nesses tempos difíceis para o estudo, a pesquisa, o espírito investigativo independente, a autonomia intelectual, a cultura e as artes no Brasil.

Arnaldo Franco Junior